

DA *DECIFRAÇÃO*
EM TEXTOS MEDIEVAIS

IV Colóquio da Secção Portuguesa
da Associação Hispânica de Literatura Medieval

Coordenação

Ana Paiva Morais
Teresa Araújo
Rosário Santana Paixão



Edições Colibri

Biblioteca Nacional - Catalogação na Publicação

Coloquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval, 4, Lisboa, 2002

Da decifração de textos medievais / IV Coloquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval ; coord. Maria Teresa Alves de Araújo, Maria do Rosário Carmona E. S. Paixão, Ana Paiva Morais. - (Extra-colecção)

ISBN 972-772-425-6

I - Araújo, Maria Teresa Alves de, 1960-

II - Paixão, Maria do Rosário Carmona Esteves Santana, 1956-

III - Morais, Ana Paiva, 1956-

IV - Associação Hispânica de Literatura Medieval, Secção Portuguesa

CDU 821.134.2.09"04/14"

821.134.3.09"04/14"

821.133.1.09"04/14"

061.3

Título: Da *Decifração* em Textos Medievais
IV Colóquio da Secção Portuguesa
da Associação Hispânica de Literatura Medieval

Coordenação: Ana Paiva Morais, Teresa Araújo
e Rosário Santana Paixão

Editor: Fernando Mão de Ferro

Capa: Ricardo Moita

Depósito legal n.º 201 330/03

Tiragem: 1.000 exemplares

Lisboa, Novembro de 2003

DECIFRAÇÃO

Para a realização do IV Colóquio da secção portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval, fomos acolhidos na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Univ. Nova de Lisboa, instituição a que, por intermédio dos seus mestres, nos unem laços de grande estima e consideração, tanto em plano científico como em plano humano. A expressão de uma estima mútua é factor agradável de recordar aqui, na presença de muitos amigos, título de que nos orgulhamos, pois mal andaremos na vida universitária quando não tivermos afecto que partilhar quando trazemos a público algo daquilo que vamos construindo nos nossos tugúrios de investigação e estudo. Na presente situação trazemos não já as preocupações administrativas (em que a vida universitária nos enreda, mas das quais queremos fazer parêntese, ainda que momentâneo), mas sim os resultados de uma investigação e de um estudo centrado num tempo e em expressões literárias que consideramos fazerem parte de um património que nos identifica como cultura e que por isso se torna necessário devolver ao contexto dos saberes a constituir e a transmitir (com a crítica dos que forem competentes e a ajuda dos que conseguirem fazer da admiração também critério de trabalho conjunto).

Agradecendo as boas vindas, cumpre-me saudar, antes de mais, os representantes dos órgãos académicos desta Faculdade (Conselho Directivo, Conselho Científico, Departamento de Línguas e Literaturas Românicas) que nos honram com a sua presença neste acto de abertura do nosso Colóquio e que vêm ao nosso encontro para nos testemunhar o empenho da sua instituição em honrar uma tradição de estudo e investigação, que desde os inícios desta Universidade nunca foi esquecida e em diversos aspectos aí tem sido honrosamente desenvolvida. Ao fazer este juízo desejo naturalmente prestar homenagem a todos os que nesse domínio sobretudo se empenharam; permitir-me-ei não citar nomes para não esquecer algum que por deficiência minha não conseguisse recordar

(para já não dizer celebrar condignamente), mas não resisto a lembrar que, por razões várias, algumas delas de carácter académico, pude acompanhar mais de perto o percurso universitário de alguns e só lamento que, mesmo dos mais chegados por sermos da mesma geração, não tenha tido oportunidade ou sabido recolher as lições oportunas da sua experiência de trabalho investigador. Se como dizia Platão, secundado por S.to Tomás de Aquino, a admiração lúcida é a melhor homenagem que se pode prestar, desejaria ter a lucidez suficiente para nada perder da luminosidade que se desprende dos resultados dessa investigação - a que presto a minha homenagem.

Encontramo-nos aqui, confiantes e solidários. Confiantes, porque entregues aos cuidados das nossas colegas de Associação, que para o efeito nos representaram na preparação deste encontro - Ana Paiva Morais, Rosário Paixão, Teresa Araújo; de há muito que as temos conosco e uma vez mais lhes garantimos a nossa confiança e a expressão da nossa solidariedade; queremos dirigir-lhes, a elas e aos representantes dos órgãos académicos, os nossos agradecimentos pela honra deste acolhimento que reflecte sobretudo o empenho, o zelo e a proficiência que elas colocaram em preparar-nos este Colóquio.

Sentimo-nos particularmente cumulados por uma solidariedade académica, fundada na qualidade de trabalho universitário que a todos nos honra, como membros de uma comunidade que não tem muros nem fronteiras, mas tem locais de trabalho e de convívio. A Faculdade de Ciências Sociais e Humanas é por esta vez o nosso lugar de encontro, não tanto para fazermos o balanço de actividades, mas para trazermos o que temos para dar, na convicção de que nessa partilha todos somos beneficiários. Dos vários anos que levamos de trabalho em comum, podemos apontar resultados de avanços significativos no estudo de área que em algum momento poderia parecer esquecida nas preocupações universitárias, mas que assumimos como nossa, beneficiando de intercâmbios e conexões que se foram criando em sintonias diversificadas. A Associação Hispânica de Literatura Medieval foi um dos pólos onde nos encontramos e onde nos fomos enriquecendo, na medida mesma em que fomos levando factores de uma identidade e fomos aprendendo com os outros a entender aquilo que todos somos como cultura e como universidade. Não é o lugar para fazer o balanço desse trabalho, mas não posso deixar de me congratular com os progressos feitos (em obtenção de graus académicos, em publicações, em intervenções de vária ordem) e como modos de intercâmbio que se têm revelado enriquecedores. Seja-me permitido sublinhar quanto representa, como modo de comprometimento mútuo, a realização regular destes nossos encontros, nos anos intercalares dos Con-

gressos da AHLM; não posso, todavia, deixar de referir igualmente quanto contribui para manter coesão e espírito de vida universitária e investigação científica, a página de Noticiário que mensalmente é distribuída, via email, graças particularmente ao empenho de um dos nossos colegas, João Dionísio.

Em espírito de solidariedade para com os nossos colegas de Associação, quero dirigir uma palavra de saudação especial aos nossos convidados, amigos de longa data, como é Maria de Jesús Lacarra (da Univ. de Saragoça) e Francisco Marcos-Marín (da Univ. Autónoma da Madrid) que aqui se deslocam para partilharem connosco o seu saber e acompanharem o nosso trabalho. Não é agora o momento de os apresentar como autoridades que são nos domínios científicos que mais de perto cultivam e que os aproximam de nós; dirijo-lhes apenas as palavras de boas-vindas que a cordialidade exige e que a amizade não poderia dispensar, mas não posso também deixar de neles reconhecer a qualidade de representantes de uma comunidade mais alargada que é a de todos os grupos peninsulares de além fronteiras que convergem para a AHLM e com os quais mantemos as melhores relações de convívio e, em certos casos, de desenvolvimento de projectos científicos. A pequena casa lusitana, com o grupo de medievistas que somos, sente-se feliz por os acolher no seu seio como personalidades de grande prestígio intelectual (tanto maior quanto é acompanhado por notável modéstia). Queremos dizer-lhes que nos sentimos honrados com a sua amizade e com a sua presença; esperamos retribuir-lhes em apreço o afecto e o saber que nos trazem.

Depois de termos deambulado por vários locais e Universidades nos três primeiros Colóquios (Lisboa, Fac. de Letras e ANTT; Univ. do Algarve, em Faro; Univ. dos Açores), encontramos-nos desta vez na Fac. de Ciências Sociais e Humanas da Univ. Nova de Lisboa, em torno de um tema que levanta alguma curiosidade pelo lema escolhido. Efectivamente, tem havido a preocupação de constituirmos referências em torno de um tema específico. Desta vez, por votação da última Assembleia Geral, apresenta-se como núcleo o termo "Decifração", sem que tivesse havido a preocupação (e o incómodo) de definir o seu âmbito. Propositadamente assim foi feito para que ninguém se sentisse constrangido ou limitado. Digamos, todavia, que não nos vemos em trajes de cartomante ou investidos de singulares capacidades para, com Édipo, enfrentar as esfinges que povoam o nosso território, nem tão-pouco nos sentimos com dotes de Champollion (para interpretar a Pedra da Roseta), ou de Michael Ventris (para deciframos os caracteres especiais do Linear B - à espera de alguém que nos introduza no Linear A ou no etrusco). Também não vamos indagar da nossa capacidade em reconhecer e situar as escritas de

tempos medievos em que a singularidade do traçado gráfico nos obriga a exercícios de alguma dificuldade. Certamente, perante a inauguração da Nova Biblioteca de Alexandria (o dia 16 de Outubro de 2002 ficará nos anais da nossa cultura com esse dado), não nos recusamos a admirar a fachada admirável que transpõe para o granito do Nilo a diversidade dos signos utilizados para transmitir mensagem. Mas não é esse o nosso campo de estudo directo, embora a Paleografia seja disciplina instrumental a que recorreremos também no nosso trabalho.

O nosso domínio específico fixamo-lo no texto e perspectivamos como mais directamente nosso o esforço por entender o jogo da leitura que nos aproxima do registo de escrita estruturada e vai descortinando os sentidos desses mesmo texto, sabendo que a pluralidade, desde que coerente e consistente, é enriquecedora e é uma das lições deixadas pelo homem medieval. Sentimo-nos como leitores que não se ficam encerrados em si mesmos, mas se pretendem em constante diálogo com outros, que, distantes no tempo, são radicalmente novos para nos fazerem perceber que a cada momento é necessário desenvolver capacidades de análise e de fruição textual. Aliás, os textos que construímos são resultado da leitura que fazemos dos textos dos outros e a eles queremos sempre voltar, porque neles reconhecemos a possibilidade de uma identidade feita ao longo do tempo.

É a este mundo de novidade de leituras (na perspectiva de construção de saberes) que aderimos e é sobre ele que esperamos coincidir no que temos a dizer uns aos outros. Foi essa intenção que presidiu à proposta de formação de grupos regionais dentro da AHLM. Com o esforço de todos e o empenhamento maior de alguns, temos conseguido colocar em volume de Actas o que foi dito em espaço mais restrito para também ser levado a outros mais distantes. Uma vez mais agradecemos aos nossos amigos que não se pouparam a esforços para editar os textos das comunicações apresentadas nos anteriores Colóquios de Lisboa, de Faro, de Ponta Delgada. No horizonte deste Colóquio está já essa promessa.

Em nome de todos agradeço sobretudo a quem porfiou por que tivéssemos assegurado um espaço e um tempo em que nos encontrássemos para partilhar o que deve pertencer a todos porque para isso trabalhámos.

Não me demoro a enunciar e agradecer patrocínios, porque os organizadores deste Colóquio, que tomaram a seu cargo captá-los, o farão a seu tempo. Por razões que se impõem, não quereria, no entanto, deixar de referir, desde já, o apoio concedido pelo Instituto Cervantes de Lisboa e o acompanhamento deste processo por parte da Consejería Cultural da Embaixada de Espanha em Portugal; com tal apoio e com tal acompanhamento a estada dos nossos convidados de Espanha fica enquadrada

em ambiente duplamente qualificado - na familiaridade académica e na gentileza da diplomacia, factores que nos apraz sublinhar.

É sobretudo o ambiente de trabalho que nos é proporcionado que me importa relevar. Faço-o na convicção e na certeza de que interpreto o sentir de todos (sem necessidade de revelar códigos de decifração, porque o acolhimento é de qualidade e o nosso agradecimento é sincero, ainda que as palavras de quem o proclama sejam débeis).

Por imperativos de última hora, não poderei usufruir totalmente deste encontro, mas nem por isso me considero menos dispensado de estar presente e de desejar um óptimo convívio, pensando já no próximo encontro que aqui vai ser projectado e para o qual a participação de todos é gesto que não podemos dispensar.

Lisboa, FCSH, Univ. Nova, 23 de Outubro de 2002.

Aires A. Nascimento

Presidente da SP da AHLM